

Estado da publicação: O preprint foi submetido para publicação em um periódico

# Infância e justiça espacial: Desigualdades inter e intrabairros na apropriação da cidade por crianças curitibanas

Sonia Maria Fernandes, Valeria Milena Rohrich Ferreira

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.3891>

Submetido em: 2022-04-04

Postado em: 2022-04-18 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

**INFÂNCIA E JUSTIÇA ESPACIAL:  
DESIGUALDADES INTER E INTRABAIRROS NA APROPRIAÇÃO DA CIDADE  
POR CRIANÇAS CURITIBANAS**

**CHILDHOOD AND SPATIAL JUSTICE:  
INTER AND INTRA-NEIGHBORHOOD INEQUALITIES IN THE  
APPROPRIATION OF THE CITY BY CHILDREN FROM CURITIBA**

Valéria Milena Röhrich Ferreira  
Doutora em Educação – PUCSP  
Professora – Setor de Educação/PPGE/UFPR  
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8096-2175>

Sonia Maria Fernandes  
Doutoranda em Educação – UFPR  
Professora – SME/Curitiba – SEMED/SJP  
Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0189-2795>

**RESUMO**

Analisa-se aqui se há desigualdade nas experiências espaciais de crianças a depender do local da cidade e do bairro em que moram. Trata-se de uma pesquisa quantitativa em que foram analisados 1060 questionários respondidos por famílias de crianças de 27 escolas municipais de Curitiba, distribuídas nas 9 regionais da cidade, à época. Os dados foram analisados a partir de autores da sociologia, da sociologia urbana, da infância e da geografia. Verificou-se que crianças moradoras da região norte-central da cidade e de regiões centrais dos bairros tiveram maior acesso a locais consolidados de lazer e cultura, pois moravam próximas desses locais ou tinham maior facilidade de se locomover até eles (dentre outras questões relacionadas à classe, gênero, raça, tempo de moradia no bairro, origem geográfica das famílias), demonstrando tanto um “efeito residência” gerador de oportunidades quanto uma mobilidade espacial que, como capital, impulsionava experiências diversificadas na cidade. Já para as crianças que moravam na parte pobre e periférica do bairro e, ainda mais, se eram moradoras do sul e do extremo sul da cidade (quando se cruza dados interbairros com intrabairros), o bairro não se apresentou como um recurso, mas sim, como uma restrição e a mobilidade espacial pareceu ser um capital urbano escasso. A configuração foi a de uma não mistura social entre crianças moradoras de diferentes partes do bairro e da cidade. A cidade se mostrou injusta espacialmente e o bairro apresentou-se modelar, ensinando posições e status superior a algumas crianças e subalternidade e sedentarismo para outras.

Palavras-chave: criança; bairro; cidade; Elias; desigualdade social.

**ABSTRACT**

This study analyzes if there is inequality in the spatial experiences of children depending on where they live in the city and neighborhoods. It is a quantitative research study in which we analyzed 1060 questionnaires answered by families from 27 local schools in Curitiba, distributed in the nine regional coordinations at the time. The data were analyzed based on

authors from sociology, urban sociology and geography. We observed that children who lived in the central-northern region of Curitiba and in the central regions of neighborhoods had more access to consolidated leisure and cultural places, because they either lived near them or it was easier for them to go to these places (among other issues related to class, gender, race, time at the current neighborhood, family geographical origin). It demonstrates both a “residency effect”, responsible to generate opportunities, and spatial mobility that, as capital, pushed diverse experiences in the city. For children who lived in the poor and in the outskirts of the neighborhood and, further, lived in south or extreme south Curitiba (when inter and intra-neighborhood data are crossed), the neighborhood did not present itself as a resource, but as a restriction, and spatial mobility seemed to be a scarce urban capital. The configuration was one of non-social mixture among children who lived in different parts of neighborhoods and the city. The city proved to be spatially unfair and the neighborhood presented itself as a model, teaching superior positions and status to some children and subalternity and sedentariness to others.

Keywords: child; neighborhood; city; Elias; social inequality.

## Introdução

Discute-se aqui alguns dados de uma pesquisa maior<sup>1</sup> que teve por objetivo analisar a influência da dimensão espacial - em especial, o espaço do bairro e da cidade - nas configurações sociais (ELIAS, 1994) de crianças em contextos urbanos. Para tal, foram produzidos dados tanto quantitativos como qualitativos. Para os quantitativos entregou-se 1600 questionários a famílias de crianças estudantes de escolas situadas nas 9 regionais que a cidade de Curitiba tinha à época (hoje são dez) e para os qualitativos foram realizadas: conversas com as próprias crianças moradoras de diferentes bairros da cidade; desenhos feitos por elas (FERREIRA, no prelo); fotografias dos bairros; e observações realizadas em diferentes regiões da cidade.

Sobre estudar crianças a partir de configurações sociais, Elias, ao falar sobre essa ideia de configuração explicava que era necessário ter tanto um “olhar de aviador”, de cima, amplo, histórico, como também o de “nadador”, de quem está dentro do fluxo (ELIAS, 1994, p.46) e seria a fusão desses dois pontos de vista é que ofereceria uma compreensão completa de uma determinada configuração. Assim, a produção dos dados quantitativos que foi pensada pelas pesquisadoras, a princípio, com o propósito de firmar os primeiros contatos com os pais para que estes conhecessem mais sobre a pesquisa e posteriormente aceitassem que se conversasse

---

<sup>1</sup> Começou-se a produção de dados entre 2014 e 2015, a partir de um grupo de pesquisadoras, às quais agradecemos, e que à época, era composto por duas alunas de graduação, duas pedagogas da Prefeitura Municipal de Curitiba, três orientandas de mestrado e uma doutoranda em Sociologia. Várias dessas pesquisadoras e, também, outros, fizeram, na sequência, suas dissertações e teses, nesse mesmo caminho de pesquisa, mas aprofundando o conhecimento sobre determinados bairros da cidade. Ver sobre essas pesquisas no site do TECI – Grupo de estudos: Território, Educação e Cidade, em <https://teciufpr.wixsite.com/teci>.

com suas crianças, demonstrou, na continuidade das análises, se tratar de dados que também se aproximariam um pouco desse olhar de aviador descrito por Elias.

E relacionar o que as famílias disseram sobre o uso que seus filhos(as) faziam do bairro e da cidade (a partir dos questionários) com o que as próprias crianças disseram, também foi importante, demonstrando consonâncias e dissonâncias entre estes olhares. Uma primeira análise sobre isso, já foi realizada quando se comparou os dados dos questionários com os desenhos das crianças (Ferreira, no prelo) e outras análises estão sendo feitas fusionando os diferentes dados da pesquisa na esperança de se aproximar desse olhar mais completo sobre as configurações espaciais das crianças.

De qualquer forma, o fato é que uma análise mais detida nos dados quantitativos já trouxe pistas importantes para compreender essas configurações. Assim, neste artigo em específico, o objetivo é o de discutir, a partir dos dados dos questionários, se há, tanto desigualdades no uso dos espaços do bairro e da cidade quanto na mobilidade espacial de crianças moradoras de diferentes bairros da cidade (análise interbairros) e mesmo dentro de um mesmo bairro, se na parte mais central ou mais periférica (análise intrabairros).

Sobre a pesquisa, de início, é preciso dizer que seguiu todos os aspectos éticos da pesquisa com crianças<sup>2</sup>. Na parte quantitativa, foram entregues 1600 questionários (com retorno de 66,25%, 1060 questionários respondidos), a famílias responsáveis por crianças dos 4<sup>os</sup> e 5<sup>os</sup> anos<sup>3</sup> da rede municipal de ensino de Curitiba, de 27 escolas municipais. Para a distribuição dos questionários, selecionou-se um bairro de cada uma das nove regionais da cidade<sup>4</sup> e nele

---

<sup>2</sup> Foram respeitadas as diretrizes e normas presentes na discussão instituída pela Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa (ANPED), no Grupo de Trabalho da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP). Primeiramente foi solicitado a Secretaria Municipal de Educação de Curitiba uma autorização para entrar em contato com as escolas e perguntar às diretoras se estas gostariam de participar da pesquisa, sendo que a maioria das escolas previstas concordou em participar. Em um segundo momento, foi explicado a todos os sujeitos envolvidos (professores das turmas, pais ou responsáveis e principalmente para as crianças) sobre a natureza e os objetivos da pesquisa e perguntado se estes gostariam de participar da pesquisa. Neste segundo momento, todos concordaram em participar.

<sup>3</sup> Optou-se por trabalhar com crianças desses anos pois imaginava-se que estas circulariam pelas redondezas, muitas vezes sozinhas ou entre amigos, e se obteria assim as impressões das próprias crianças sobre essas saídas pelo bairro.

<sup>4</sup> No momento da pesquisa eram 9 regionais administrativas (hoje são 10). Sobre a escolha dos bairros e das escolas, na maioria dos casos (7 de 9) foram encontradas três escolas em um mesmo bairro (ou com alguma escola na divisa com outro), mantendo os critérios pré-estabelecidos (três escolas regulares com 4<sup>os</sup> ou 5<sup>os</sup> anos ofertados no período da manhã e que aceitassem a realização da pesquisa). Mas em dois casos precisou-se abranger 2 ou até 3 bairros próximos dentro de uma mesma regional (foi o caso principalmente da regional Matriz, geograficamente pequena, e de Santa Felicidade, tendo escolas escolhidas na triangulação de três bairros). Os bairros finais selecionados foram, então, da Regional Boqueirão: Xaxim; da Cidade Industrial de Curitiba: Vila Nossa Senhora da Luz dos Pinhais; da Regional Cajuru: Uberaba; Regional Portão: Novo Mundo; da Regional Pinheirinho: Tatuquara; Regional Bairro Novo: Umbará (englobando uma escola na divisa com Alto Boqueirão e Caximba); da Regional Boa Vista: Pilarzinho (englobando uma escola na divisa com Vista Alegre); da Regional Santa Felicidade: Santo Inácio, Mossunguê, Campo Comprido; da Regional Matriz: Alto da XV, Rebouças e Bom Retiro. E sobre a quantidade de bairros pesquisados em relação aos bairros da cidade (75), esta pesquisa não procura realizar nenhuma generalização para o que ocorre em outros bairros, mas, demonstrar que, a partir especificamente desses bairros analisados, há nexos e tensões que ajudam a compreender a relação das crianças com a cidade.

foram escolhidas três escolas públicas municipais de período regular que estivessem situadas em regiões distintas dentro um mesmo bairro: uma escola que estivesse em uma região central do bairro (próxima de comércios, grandes avenidas, acesso a ônibus e outros espaços importantes do bairro), chamada na pesquisa de Perfil 1; uma escola localizada em uma parte mais afastada do bairro (longe das grandes avenidas, podendo ser uma região reconhecida como uma vila, uma comunidade, uma favela, ou mesmo uma região mais empobrecida do bairro) chamada na pesquisa de Perfil 3; e uma terceira escola que seria intermediária destas duas outras situações, nem muito perto, nem muito distante do centro do bairro, chamada na pesquisa de Perfil 2<sup>5</sup>.

Com relação a esses dados é importante dizer que se analisará aqui, as questões do questionário que se referiam a espaços pensados e previstos pelos adultos (shoppings, teatros, praças, parques). Em outra parte do questionário se perguntou sobre outros locais que as crianças brincavam ou visitavam no bairro e que não tinham sido perguntados. Nessa parte foram encontrados dados muito interessantes como, por exemplo, crianças que brincavam de skate na rua, de bicicleta no estacionamento do mercadinho; que soltavam pipa no terreno baldio. Mas, essas “micro-produções do espaço da cidade” (NAVEZ-BOUCHANINE apud REMY, 2015, p. 261) foram analisadas em outro momento (FERREIRA e SANTOS, 2019) assim como dados específicos sobre gênero (FIORESE e FERREIRA, no prelo), raça (FERNANDES e SANTOS, 2019), antiguidade de moradia das famílias nos bairros e origem geográfica das famílias antes de morarem no atual bairro (FERREIRA, FERREIRA e SANTOS, 2018). Alguns desses dados, que foram discutidos detalhadamente em outro momento, serão retomados aqui, de modo geral, sempre que necessário.

Ainda sobre os dados quantitativos, uma das análises já realizadas foi chamada de análise “interbairros”<sup>6</sup> (FERREIRA e FERREIRA, 2020), em que se agrupou os dados dos três

---

<sup>5</sup> Embora o grupo tivesse optado, em um primeiro momento, por escolher as escolas pelas impressões gerais que tinham do bairro (local mais central, local mais afastado, região de grande pobreza), na sequência verificou-se que tais localizações no bairro, também se encontravam coerentes com os índices socioeconômicos da UDH correspondente a cada parte do bairro. Essas UDHs (Unidades de Desenvolvimento Humano) são áreas dentro das regiões metropolitanas que podem ser uma parte de um bairro, um bairro completo ou ainda, em alguns casos, até um município pequeno. A homogeneidade socioeconômica é o que define os limites das UDHs. São formadas a partir da agregação dos setores censitários do IBGE e que foram delineadas buscando-se gerar áreas mais homogêneas que, por exemplo, as áreas de ponderação formuladas pelo IBGE. A título de exemplo, na regional Boa Vista a renda *per capita* variava sensivelmente entre as UDHs em que estavam localizadas as escolas da pesquisa: R\$ 1.818,91 para o Perfil 1; R\$ 954,99 para o Perfil 2 e R\$ 549,80 para o Perfil 3). Neste texto, para as análises intrabairros (a partir dos perfis), foram eliminados da tabulação dos dados, os questionários de crianças que não moravam no próprio bairro da escola, ou muito próximo dele, uma vez que a intenção era a de conhecer os usos do bairro onde se situava a escola ou nas imediações desta.

<sup>6</sup> Optou-se por agrupar, muitas vezes, na análise dos dados, os bairros Uberaba no Cajuru (sudeste) e Vila Nossa Senhora da Luz, na CIC (sudoeste) com outros bairros situados ao sul, quando se quis analisar os dados da cidade em duas grandes regiões sendo que essa separação só foi possível pois, como se verá neste artigo, os dados eram bem próximos em cada uma dessas grandes regiões e bem diferentes entre esses dois polos (aqui nomeados, para facilitar, como: região norte-central por um lado e sul-extremo sul por outro). E ainda, sobre a região norte, como

perfis, deixando aflorar diferenças significativas entre os bairros (e não por dentro de cada bairro, como se discutirá aqui). Nessa análise, ficou evidente que as crianças moradoras de bairros da região norte-central da cidade, bairros estes, de modo geral, mais antigos (e com melhores condições econômicas e de escolaridade e ainda com um índice menor de famílias negras quando comparadas com as do sul e extremo sul), tinham à sua disposição, uma variedade maior de espaços consolidados de lazer e cultura (parques, museus, cinemas, teatros) e uma mobilidade espacial mais ampla para fora do bairro de moradia. Já as crianças do sul-extremo sul, tendo, no geral, famílias com menores condições econômicas e de escolaridade e com um índice maior de famílias negras quando comparadas com as do norte-central (e sendo o extremo sul uma região com bairros de formação mais recente), contavam com experiências mais amplas na parte do bairro em que moravam, mas, poucas experiências em outros bairros e na cidade. Se voltará a essas análises durante o texto quando se relacionar dados interbairros com os intrabairros.

Sobre as questões teóricas que têm orientado a pesquisa, um dos aspectos importantes é que se compreende as crianças em configurações. Por essa afirmação se quer dizer que, se por um lado se parte de uma criança atora e produtora de cultura assim como se defende na contemporaneidade, por outro, se compreende que essa ação não se faz no vazio social e nem a criança toma decisões independente das suas redes de interdependência. E, também, não há uma criança “curitibana” genérica que tenha tais e tais características. Para Elias, é impossível, portanto, separar o indivíduo (como se fosse uma mônada) da sociedade (como um ente abstrato), sendo que todos -adultos e também crianças- estão sempre em relações interdependentes. O modo de agir das crianças, suas práticas gazeteiras, suas escolhas, seus questionamentos, são sempre compreendidos na relação com as tensões e relações de poder que existem em suas redes<sup>7</sup>. Assim, um total grau de liberdade por um lado, ou uma completa “moldagem social” por outro, seriam explicações que não traduziriam as complexas interdependências que ocorrem nas configurações, em um determinado espaço e tempo histórico.

Sobre o espaço, este também não é compreendido aqui como uma categoria autônoma, pois há uma linha tênue entre as formas espaciais e a hierarquia social. A sua influência na vida das pessoas não é determinista, mas sim probabilista, imprevisível e, por ser relacional, precisa

---

não se trabalhou com bairros da borda da cidade (a exceção do perfil 3 do Boa Vista), os dados se aproximaram dos dados dos bairros centrais, mas é preciso considerar que, estudos específicos sobre crianças da região norte moradoras mais próximas da região metropolitana da cidade, demonstraram realidades difíceis também nessas regiões. Ver, por exemplo, o estudo de Fonseca (2018) no bairro Santa Cândida, na divisa com as cidades de Almirante Tamandaré e de Colombo.

<sup>7</sup> Essa compreensão de criança a partir do construto teórico-metodológico de Norbert Elias foi discutida com detalhe em outro momento (FERREIRA, previsão da publicação em 2022).

ser analisado sempre em um duplo movimento, o espaço sendo socializado por pessoas, mas também socializante e imprimindo sua marca sobre as sociedades. (REMY, 2015). É nesse sentido que também se compreende o bairro, não como um simples cenário (REMY apud AUTHIER, 2006, p. 209), mas como um “meio”, “uma entidade produtora, dispo de propriedades próprias que têm efeitos sobre ‘o curso das ações humanas’ e em particular, sobre as maneiras de habitar e de coabitar dos indivíduos”. (AUTHIER, 2006, p. 209, *tradução nossa*). O bairro ou a cidade podem ser, então, um "espaço-recurso", “um importante local de socialização” (LEHMAN-FRISCH; AUTHIER; DUFAUX; 2012, p.15, *tradução nossa*).

### 1. Quem é o público da pesquisa?

Com relação à renda das famílias curitibanas, de modo geral, elas contavam, pelos dados do IBGE de 2010 (IBGE, 2010), com um rendimento mensal mediano dos domicílios particulares permanentes de 4,5 salários mínimos. Observando o mapa realizado pelo IPPUC a partir desses dados (IPPUC, 2012) verifica-se que as famílias com maior rendimento se situavam na região central e norte da cidade e, também, um pouco abaixo do centro (em bairros como Água Verde, Batel). Já as com menores rendimentos, encontravam-se nas bordas da cidade e, mais acentuadamente, no sul e principalmente no extremo sul da cidade.

Os dados das famílias da pesquisa coincidiram com essa situação. Caso se divida a cidade em duas partes, é possível dizer que, no geral, as famílias com rendas maiores (mais de 5 salários mínimos) moravam mais em bairros centrais e ao norte da cidade e as com menores rendas (um salário mínimo ou menos) mais nos bairros do sul e extremo sul. Já analisando os bairros por dentro, verifica-se que os salários mais altos, como era de se esperar, foram encontrados em famílias dos Perfis 1 e 2 (moradoras das partes mais centrais do bairro) e os menores, nas do Perfil 3 (moradoras das partes mais afastadas e empobrecidas do bairro)<sup>8</sup>. Desta forma se verifica crianças de Perfil 1 (e em alguns casos do 2) mais próximas das classes médias ou médias baixas e crianças de Perfil 3 (e em alguns casos do 2) mais próximas das classes populares, sendo que muitas crianças de Perfil 3 encontravam-se em situação de grande pobreza.

---

<sup>8</sup> Por exemplo, enquanto 27,34% das famílias de Perfil 3 ganhavam até um salário mínimo, somente 11,54% e 18,21% das famílias de Perfil 1 e 2, respectivamente, ganhavam esse valor. Enquanto 58,98% das de Perfil 3 ganhavam até 3 salários mínimos, esse era o caso de 48,72% e 52,63% das famílias de Perfil 1 e 2. Por outro lado, enquanto 10,26% das famílias de Perfil 1 ganhavam até sete salários mínimos, apenas 6,07% e 3,91% das famílias de Perfil 2 e 3, respectivamente, ganhavam esse valor. O perfil 1 apresentou também níveis maiores de salário nas categorias: até 5 salários, até 9 e mais de nove salários.

Com relação aos dados raciais, um mapa produzido pelo Observatório das Cidades (DIEESE, 2016, a partir de bairros agregados) demonstrou que os bairros com um índice maior de moradores negros situavam-se ao sul, extremo sul e também sudoeste e sudeste da cidade. Os dados interbairros, a partir do questionário, também coincidiram com esses dados. Já sobre os dados intrabairros, também não houve surpresa, enquanto os Perfis 1 e 2 apresentaram os menores índices de crianças negras (19,4% e 17,9% respectivamente), o Perfil 3 apresentou o maior número (25,2%)<sup>9</sup>. E quando se cruza os dados interbairros com o intrabairros, a desigualdade aumenta, ou seja, o índice maior de crianças negras além de se apresentar na direção sul e extremo sul da cidade, também aparece nas regiões mais empobrecidas de cada bairro, demonstrando que há desigualdade nas condições de vida, entre crianças negras e brancas (FERREIRA, FERNANDES, SANTOS, 2019).

Quanto à escolaridade das famílias da pesquisa, enquanto os bairros ao norte-central foram os que apresentaram famílias com maiores níveis de escolaridade e os bairros do sul-extremo sul os menores, na relação intrabairros, a diferença também foi grande. A escolaridade das duas gerações anteriores das crianças (pais e avós) é maior nas famílias do Perfil 1 e 2 em comparação com as de Perfil 3.

E sobre o tempo de moradia das famílias da pesquisa no bairro (FERREIRA, FERREIRA e SANTOS, 2018), verificou-se que os moradores mais antigos (mais de 15 anos no bairro) estavam em maior número no sul da cidade (mas não no extremo sul) e, também, mais nos perfis 1 dos bairros. Apresentavam um índice maior de famílias morando em casas próprias e suas crianças utilizavam locais mais antigos e institucionalizados do bairro, como os religiosos e alguns culturais (bibliotecas, praças, teatros, circo). As crianças visitavam mais a casa de avós e de outros parentes, vizinhos e amigos, o que indica uma rede solidária de cuidados e de segurança (os “olhos atentos” da rua, descritos por JACOBS, 2011, p. 36), o que foi constatado também nas conversas com as próprias crianças, na parte qualitativa da pesquisa, que mencionaram poder sair pelas proximidades pois sempre havia uma tia ou avó que ficava “de olho”. Já os moradores mais recentes (menos de 5 anos no bairro) estavam em maior número em bairros do extremo sul e nos perfis 3 dos bairros da cidade. Apresentavam um índice maior de famílias em casas alugadas (se comparado aos outros perfis), frequentavam mais espaços administrativos (por exemplo, Ruas da Cidadania<sup>10</sup>) e suas crianças visitavam pouco as casas de parentes, vizinhos e amigos, contando menos, portanto, com uma rede de apoio e

---

<sup>9</sup> E, enquanto o Perfil 3 de Santa Felicidade, ao norte, tinha 16,12% de crianças negras, o Perfil 3 do Tatuquara, no extremo sul, 26,41%.

<sup>10</sup> As Ruas da Cidadania são sedes das Administrações Regionais, que coordenam a atuação de secretarias e outros órgãos municipais nos bairros, incentivando o desenvolvimento de parcerias entre a comunidade e o poder público. <https://www.urbs.curitiba.pr.gov.br/comunidade/equipamento/ruas-da-cidadania>. Acesso em 20 de Junho 2021.

cuidado. Em conversas com as crianças dessas regiões (na parte qualitativa da pesquisa), muitas contaram que o passeio de domingo era justamente ir visitar avós e parentes em bairros distantes da moradia ou na região metropolitana da cidade.

Quanto à origem geográfica das famílias, antes de residirem no atual bairro, as famílias moradoras mais antigas (mais do Perfil 1) vieram, em maior número, de outros bairros da cidade, enquanto as moradoras mais recentes (mais de Perfil 3), vieram de outras cidades do Paraná e Região Metropolitana de Curitiba. Isso faz pensar que as famílias das crianças do Perfil 1 (e em certa medida também do Perfil 2) já teriam as suas maneiras de morar e utilizar o bairro mais próximas da cultura de uma grande cidade e quem sabe, uma parte delas, poderia se aproximar do imaginário reforçado pelos discursos midiáticos das últimas décadas, sobre uma cidade modelo e sobre um curitibano ecológico e descendente de europeu<sup>11</sup>. Já as de Perfil 3, vindas de cidades menores, estariam tentando ainda adequar suas práticas a uma cidade grande e se identificando menos com esse imaginário de cidade propagado pela mídia.

Assim, estes primeiros dados já demonstram que a forma com que a cidade está organizada produz desigualdades interseccionais<sup>12</sup>, interdependentes, ou seja, quanto mais para a parte sul e extremo-sul da cidade se mora, quanto mais para o interior do bairro se adentra, mais há a chance de que marcadores como os de raça, condição econômica e escolaridade da família, se “fusionem”, aumentando ainda mais as interdependências desiguais no uso da cidade. Alia-se a essas desigualdades a recente moradia das famílias no bairro, a falta de uma rede de apoio familiar e de uma vizinhança e amigos próximos como também a falta de conhecimentos importantes sobre a vida em uma grande cidade. Na sequência se verá como as crianças e suas famílias se deslocam pelo bairro e pela cidade e como produzem suas experiências operando por dentro dessas configurações desiguais.

## **2. Como e com quem as crianças vão à escola?**

Na contemporaneidade, a mobilidade espacial tem sido considerada cada vez mais como um capital (VIARD, 2011), “uma condição de inserção social” (KAUFMANN, 2008, p.101, *tradução nossa*), mas, essa mobilidade não é igual entre as crianças que moram em diferentes bairros da cidade e mesmo dentro de cada bairro. Em primeiro lugar, de modo geral, as crianças da pesquisa quase não se deslocavam sozinhas para a escola (somente 16% delas o faziam),

---

<sup>11</sup> Ver mais sobre essa construção imagética em OLIVEIRA (2000), autor que discute Curitiba como “o mito da cidade modelo” e em FERREIRA (2016, 2020) que analisa como o campo da educação veio também ancorando essa imagem midiática de cidade ao longo do tempo.

<sup>12</sup> O termo interseccionalidade é utilizado para demonstrar a sobreposição ou a intersecção de aspectos que levam à desigualdade e que aumentam ainda mais a exclusão, a opressão e a discriminação social.

evidenciando a pouca autonomia delas nesses e em outros trajetos, o que também foi verificado em pesquisas nacionais e estrangeiras que constataram, por exemplo, que “os deslocamentos e as práticas não acompanhadas por adultos estão acontecendo cada vez mais tarde para as crianças” (VALENTINE apud LEHMAN-FRISCH, AUTHIER, DUFAUX, 2012, p. 19, *tradução nossa*). Ou como Müller (2018), aqui no Brasil, que observou vários problemas nos deslocamentos diários das crianças entre casa-escola-casa relacionados a: percorrer longas distâncias, acordar muito cedo, acompanhar os adultos em seus trabalhos, enfrentar riscos e perigos.

Na pesquisa em Curitiba, as crianças que não iam sozinhas para a escola (84%) iam mais frequentemente acompanhadas por suas mães (28%) e seus pais (14%). Com irmãos, avós, família, amigos e vizinhos, as porcentagens foram menores e mais ou menos equivalentes. Já sobre os dados intrabairros, observou-se que as crianças do Perfil 1 iam mais à escola acompanhadas por seus pais (com a mãe o índice quase dobra em favor desse perfil) e as do Perfil 3, as que mais iam sozinhas à escola (quase o dobro dos outros perfis).

Quanto à forma de locomoção, de modo geral, elas se dirigiam à escola a pé (38%), de carro da família e/ou carona com vizinhos (20%), com transporte escolar pago, o “tio da van” (13%), entre outras possibilidades com menores índices. Sobre os perfis, depois do índice elevado de todas elas se deslocando a pé, as crianças do Perfil 1 foram as que apresentaram os maiores índices para a ida à escola com o carro da família e a van escolar; as do Perfil 2, para carona de vizinhos e ônibus cedido pela prefeitura; e as do Perfil 3, paradoxalmente, as que mais apresentaram índices altos para o uso do ônibus de linha pago.

Sobre o uso do automóvel, se por um lado ele facilita o deslocamento espacial das crianças por regiões mais extensas da cidade, também as coloca em uma atitude mais afastada do seu bairro de moradia. Neste caso, é preciso pensar mais detidamente sobre o conceito de mobilidade. Kauffman (2008, p. 27, *tradução nossa*), analisa que os “deslocamentos no espaço se transformam em mobilidade quando implicam também em uma mudança social”. O autor lembra que pesquisadores da Escola de Chicago já opunham, em suas pesquisas pioneiras de sociologia urbana, a mobilidade à fluidez. A mobilidade significa para eles um deslocamento vivido como um evento marcante, deixando sua impressão sobre a vida, a identidade ou a posição social da pessoa que a realiza”. Já a fluidez é definida como um deslocamento sem efeito particular sobre a pessoa. “Dito de outra forma, a mobilidade implica ao mesmo tempo uma mudança no espaço físico e no espaço social, enquanto a fluidez reenvia à um movimento no espaço físico unicamente”. (Kauffman, 2008, p. 27, *tradução nossa*)

Assim, caso se considere a mobilidade nesse sentido amplo e completo, o automóvel, por si só, nem sempre é sinônimo de mobilidade, uma vez que “entrar no seu carro, é se fechar.

É visivelmente se proteger em relação ao desconhecido”, enquanto “caminhar no espaço público é, ao contrário, se confrontar em permanência com a alteridade, e então aceitar a imersão em um universo com forte potencial de mobilidade” (Kaufmann, 2008, p. 104, tradução nossa).

E especificamente sobre os dados das crianças do Perfil 3 observa-se que, de fato, apresentaram uma certa independência no deslocamento para a escola, sozinhas ou com irmãos e a pé ou com o ônibus de linha. Estes dados coincidem com os de outras pesquisas sobre o uso do bairro relacionado a questões de classe:

Tanto em Paris como em São Francisco, as crianças da classe popular se beneficiam de liberdades mais amplas, tanto do ponto de vista do perímetro em que se movem sozinhas, quanto da frequência desses deslocamentos, ou da realização de atividades sem controle dos pais, em casa ou fora (...). Por outro lado, as crianças das classes altas são mais acompanhadas pelos adultos, principalmente de carro, para atividades que muitas vezes ficam mais dispersas na cidade (...). Esta maior liberdade concedida aos filhos das classes trabalhadoras é sobretudo fruto de pais que não podem estar presentes com os filhos: os maiores graus de liberdade são de fato observados para os filhos que vivem sozinhos com a mãe, ou cujos pais têm ocupações (trabalhadores de restaurantes, por exemplo) cujos horários, atípicos, não coincidem com os ritmos escolares. (Mallon et al, 2016, p. 7, *tradução nossa*).

Mas, no caso da pesquisa aqui relatada, se por um lado, nos deslocamentos das crianças do Perfil 3, verificou-se uma certa autonomia na ida à escola como também na circulação delas pelo bairro (como os dados subsequentes também irão demonstrar), e ainda, um conhecimento e análise territorial bastante extensos sobre as proximidades, por outro lado, os trajetos eram realizados mais nas redondezas de onde moravam ou restritos ao bairro. Desta forma, essa “certa” autonomia é assim descrita pois para elas outras questões ligadas ao tráfico de drogas e a violência nos bairros também apareceram como impeditivos para um deslocamento mais livre e estendido pelo bairro. Isso foi insistentemente relatado tanto nas conversas com as próprias crianças, na parte qualitativa da pesquisa, como nos desenhos que fizeram (Ferreira, no prelo) e ainda inclusos pelas famílias na parte das “observações” dos questionários<sup>13</sup>.

Já os deslocamentos das crianças do Perfil 1 se aproximam um pouco mais<sup>14</sup> das praticadas pelas crianças das classes superiores descritas pela pesquisa de Mallon et al (2016)

---

<sup>13</sup> Por exemplo: “Não dá para deixar nem ir ao parquinho, porque a segurança é péssima. O jeito é ficar dentro de casa...” (questionário n. 740, Tatuquara, P2, mãe de menino/branco); “Se observar as minhas respostas verifique porque não frequentamos muitos lugares, por falta de segurança e a violência contra nossas crianças” (n. 796, Tatuquara, P3, mãe de menina/parda). “No nosso bairro não tem lugar adequado para uma criança frequentar” (n. 298, Xaxim, P1, mãe de menino/branco); “roubo, mortes, drogas, medo de sair de casa e ser surpreendido” (n. 779, Tatuquara, P3, mãe de menina/ branca).

<sup>14</sup> Tais dados se aproximam ainda mais dos dados das crianças de classes altas e de escolas privadas de Curitiba (Perfil 4 da pesquisa geral), analisadas em outro momento (FERREIRA e CARDOSO, 2018). A título de exemplo, enquanto 29,69% das crianças do Perfil 1 iam a pé para a escola, somente 0,60% das de Perfil 4 se deslocavam dessa forma e enquanto 37,56% das crianças de Perfil 1 iam para a escola com o carro de família, 75,91% das crianças de Perfil 4 o faziam.

em que as crianças se deslocavam no bairro, de carro e de van escolar. Seriam essas também as crianças “do banco de trás” (*backseat children*) da pesquisa realizada em Amsterdam por Lia Karsten e que corresponde “às crianças holandesas de classes médias altas sendo levadas de um lugar para outro por seus pais” (KARSTEN apud LEHMAN-FRISCH, AUTHIER, DUFAUX, 2012, p. 20, *tradução nossa*).

E ainda sobre os deslocamentos, o fato de que as crianças de Perfil 1 iam mais à escola de forma motorizada se relaciona, em boa parte, com as escolhas das escolas feitas pelas famílias<sup>15</sup>, tendo a fácil localização, mas também, o prestígio social da instituição uma importância grande para muitas delas (CARDOSO e FERREIRA, 2018). Uma pista sobre essas escolhas pode ser verificada na distância entre a moradia e a escola das crianças. Foram apenas 47,4% das crianças de Perfil 1 as que moravam no mesmo bairro em que se localizava a escola, contra 65,3% das de Perfil 2 e 84,6% das de Perfil 3. E enquanto as crianças de Perfil 1 que se deslocavam de outros bairros para a escola, vinham, em média, de seis diferentes bairros, as de Perfil 3, vinham de três<sup>16</sup>.

E ainda, enquanto somente 45% das crianças moradoras da região norte da cidade estudavam no bairro de moradia, o índice das do extremo sul, era de 80%. E, nos primeiros casos, elas vinham de 11 diferentes bairros, tornando a escola um lugar heterogêneo quanto a aos diferentes bairros de moradia das crianças, mas também, um local de socialização mais homogêneo quanto ao perfil das famílias (com mais crianças brancas, tendo famílias com maior capital econômico e maior escolaridade, como já visto no início do texto). E no extremo sul, as crianças vinham de apenas três diferentes bairros o que tornava a escola, na maior parte das vezes, também um lugar de socialização extremamente homogêneo, mas, nesse caso, a partir de crianças moradoras próximas da escola e em uma região mais empobrecida da cidade (e, portanto, com uma porcentagem maior de crianças negras, famílias com salários mais baixos e com menor escolaridade).

Assim, o que foi visto até aqui é que essas diferenças de deslocamento revelaram fortes desigualdades sócio-espaciais no uso da cidade. E não é só pelo fato de que algumas crianças circulavam mais por vários bairros e regiões do bairro enquanto outras se restringiam ao local do bairro onde moravam e estudavam, mas também, porque isso indica tanto uma não mistura social entre elas, pois essas crianças quase nunca se encontravam no bairro (os dados

---

<sup>15</sup> Para a família matricular seu filho em uma escola pública municipal de Curitiba, é necessário realizar antecipadamente o cadastramento escolar, em que a família opta por escolas de interesse para o seu filho. Após essa primeira etapa, é divulgada uma lista e indicada a escola para a matrícula. No entanto, muitas famílias insatisfeitas com o resultado, procuram outras escolas, até mesmo longe de suas casas e fora de seus bairros. Ver o detalhamento desses dados, em Cardoso e Ferreira (2018).

<sup>16</sup> É por isso inclusive que, quando se trabalhou especificamente com os dados intrabairros, se considerou apenas os questionários das crianças que moravam no mesmo bairro da escola ou muito próximo.

subsequentes reafirmarão isso), como também, que há um confinamento das classes populares em regiões periféricas do bairro e da cidade, como outras seções também irão analisar.

### **3. Quando as crianças saem, vão aonde?**

Após o horário escolar, muitas crianças ocupam seu tempo livre realizando atividades extracurriculares. Sobre isso, vários autores vêm denunciando que existe uma “sobreocupação horária em múltiplas atividades, geralmente sob controle adulto” (SARMENTO, 2013, p. 17) e, também, uma restrição de circulação delas no espaço urbano, relacionada a um “condicionamento intelectual imposto pela indústria cultural” (idem). Assim, enquanto Sarmento em Portugal, verifica a presença quase “obsidante de organizações, empresas e instituições no cotidiano infantil, para se ocuparem dos seus ‘tempos livres’” [...]. (SARMENTO, 2013, p. 17), no caso da pesquisa aqui discutida, embora também pareça existir um assédio de instituições privadas oferecendo atividades para as crianças, elas estão longe dessa ampla possibilidade de realização de atividades extracurriculares. Já de início é possível dizer que somente 37% das crianças voltava para a própria escola após o horário escolar para realizá-las (em um ou no máximo dois dias da semana) e apenas 29% delas fazia alguma atividade no bairro ou na cidade, sendo tais dados muito baixos quando comparados aos internacionais<sup>17</sup>.

Das crianças que conseguiam realizar tais atividades, por um lado, os dados demonstraram uma grande capilaridade no uso da escola, do bairro e da cidade, mas por outro, também evidenciam amplas desigualdades educativas territorializadas. As crianças de Perfil 1 e 3 foram as que mais voltavam à escola para realizar atividades. As do Perfil 1 foram as que mais realizavam atividades de arte e cultura (fanfarra, balé, zumba, coral, pintura e teatro) e as do Perfil 3, atividades de esporte (corrida, basquete, capoeira, atletismo, futebol, vôlei). E o futebol, por exemplo, foi praticamente só mencionado no sul-extremo sul da cidade, enquanto o tênis foi muito mais mencionado na região norte-central.

---

<sup>17</sup> Só para se ter uma ideia, na pesquisa realizada em bairros gentrificados de Londres, São Francisco e Paris, as crianças realizavam atividades extraescolares, com os seguintes índices: 95% em Londres e São Francisco e 78% em Paris, sendo tal diminuição, no último caso, pela duração mais longa da jornada escolar das crianças em comparação às outras duas cidades. Outras pesquisas internacionais também apontam para um crescimento desse tipo de atividade nos países ocidentais depois dos anos 1990 (LEHMAN-FRISCH, AUTHIER, DUFAUX, 2012). Embora esses dados digam respeito a atividades realizadas depois do horário escolar, o que nesses países quer dizer sete ou oito horas diárias de estudo na escola, no caso de Curitiba, de acordo com o censo escolar de 2014, do total de 85.682 alunos matriculados nos anos iniciais do ensino fundamental na rede municipal de Curitiba, apenas 21,94% estavam matriculados em tempo integral, com mais de 7 horas diárias (BRASIL, 2015). E como na pesquisa aqui relatada os dados foram produzidos com crianças que ficavam em período regular (4 horas) na escola, então a comparação com os dados internacionais torna-se ainda mais contrastante.

Já as famílias das crianças do Perfil 2 foram as únicas que mencionaram atividades ligadas à ciência e tecnologia (informática, robótica) e também (com o dobro de menções das realizadas pelo Perfil 3) as relacionadas à cidadania (Guarda Mirim<sup>18</sup>, PROERD<sup>19</sup>), o que provoca a hipótese de que uma determinada classe média ou média-baixa<sup>20</sup>, não tão distante no interior dos bairros e moradora do sul-extremo sul da cidade (que citaram bem mais essas atividades em relação às do norte-central) é que estaria mais preocupada tanto que seus filhos realizassem atividades mais próximas do mundo do trabalho, como também atividades cívicas.

Com relação às atividades realizadas após o horário escolar em outro local do bairro ou da cidade, as crianças de Perfil 1 foram as que mais realizaram atividades esportivas e bem variadas, como tênis, equitação, natação e futebol. Fizeram também atividades tranquilizadoras e meditativas como a yoga e ligadas à defesa pessoal, como Muay-thai, Karatê, Jiu-jitsu, Taekwondo e MMA. Já as crianças do Perfil 2 seguiram mais ou menos a mesma tendência, mas com uma variedade menor de atividades, porém o mais interessante é que cresceu a variedade de atividades ligadas à defesa pessoal. Já no caso do Perfil 3, as menções foram bem menores e as atividades pouco variadas. Estes dados não deixam dúvida que, ainda que as atividades diferenciadas ou tranquilizadoras tenham sido realizadas mais por crianças moradoras do norte-central e as de defesa pessoal mais ao sul-extremo sul (justamente em bairros com maiores índices de violência<sup>21</sup>), as famílias precisariam ter dinheiro para pagar por estas atividades (quando não são oferecidas pelo sistema público ou ONGs), então é mais lógico que estas tenham aparecido mais nos Perfis 1 e 2, perfis estes com maior renda familiar.

Mas, o aumento da variedade de atividades de defesa pessoal no Perfil 2 pode indicar que, quanto mais se adentra o interior do bairro, mais aumentam essas preocupações com a defesa pessoal (dados da parte qualitativa da pesquisa). E em relação à grande quantidade de menções a escolinhas de futebol pagas, pelos perfis 1 e 2 (principalmente feitas pelas famílias da região sul-extremo sul), pode ser interpretada como uma forma de investimento semelhante ao investimento escolar, empreendido pelas famílias com vistas à “uma ascensão social”

---

<sup>18</sup> Atividade em que um guarda municipal fardado desenvolve atividades com as crianças, na maior parte das vezes, na escola, em período contrário ao da aula.

<sup>19</sup> “O Programa Educacional de Resistência às Drogas (Proerd) é realizado pelo Batalhão de Polícia Escolar e Comunitária e “consiste em uma das ações que compõe (sic) as políticas públicas Estaduais sobre drogas e violência no Estado do Paraná, e trabalha na perspectiva da prevenção primária em segurança pública, no espaço privilegiado das escolas”. (<http://www.pmpr.pr.gov.br/BPEC/Pagina/Atuacao>. Pesquisa realizada em 28/02/2020).

<sup>20</sup> O Perfil 2 apresentou um índice maior de famílias com salários na faixa de 1 a 3 salários mínimos do que as de Perfil 1 (63,5% contra 54,56% do Perfil 1) e menores salários na faixa de 7 a 9 salários mínimos (8,3% contra 11,16 do Perfil 1). Já na faixa de 3 a 5 os dois perfis apresentaram porcentagens semelhantes. E o Perfil 3 se afasta bastante dos outros dois perfis, como o que menos ganha, já a partir da faixa de 3 a 5 salários mínimos.

<sup>21</sup> As taxas de criminalidade, por exemplo, são maiores nos bairros do sul, extremo sul, sudeste e sudoeste da cidade. Ver sobre isso, Silva et al, 2017.

(RASERA, 2016). Assim muitas crianças das classes médias ou médias-baixas (mais próximas do Perfil 2) poderiam estar sendo constrangidas à construção de um corpo cívico, disciplinado e combativo além de realizar atividades que pudessem ser convertidas em recursos para um futuro mundo do trabalho ou para uma mobilidade social.

Já sobre atividades relacionadas a um maior investimento pedagógico, as famílias da região norte-central citaram mais do que as do sul-extremo sul e as do Perfil 1 mais do que o dobro em relação aos outros perfis. As famílias citaram o inglês, o Kumon<sup>22</sup> e o curso preparatório para colégios militares (estes últimos mais citados pelas famílias do sul-extremo sul e do Perfil 2).

Com relação a atividades de arte e cultura, a desigualdade de oportunidades parece ser muito maior. As famílias dos Perfis 1 e 2 mencionaram quatro vezes mais esse tipo de atividade em relação às do Perfil 3 (mencionando teatro, desenho, artesanato, violão, piano, flauta doce, guitarra, coral, órgão eletrônico, patinação artística, música, balé, ginástica artística e dança). Já as do Perfil 3 citaram somente os quatro últimos mencionados. E o Perfil 1 realizava tais atividades em escolas especializadas, mas também, em clubes e sociedades de renome da cidade (Três Marias Clube de Campo, por exemplo) e os três perfis, também mencionaram associações, sindicatos e federações.

Com relação a atividades ligadas à Ciência e Tecnologia, os bairros ao sul-extremo sul apresentaram os maiores índices (curso de informática, na maioria das vezes), além de mencionarem atividades ligadas ao mundo do trabalho ou atividades manuais (por exemplo: “curso de operador de computador”, artesanato, aulas de tricô). Todas estas realizadas por crianças do Perfil 2 e 3.

Sobre os locais de realização dessas atividades, 62% das famílias utilizavam instituições privadas (pagas); 24,8% espaços públicos; 13,2% instituições do terceiro setor como ONGs ou associações religiosas. Essa tendência a uma crescente multiplicação de espaços privados dedicados às crianças e a diminuição delas nos espaços públicos também foi verificado em outras pesquisas (MacKendrick; Bradford; Fielder; Karsten apud LEHMAN-FRISCH, AUTHIER, DUFAUX, 2012, p.19). Assim, o grande índice de utilização de instituições privadas (em especial pelas crianças do Perfil 1 e 2), evidencia como os pequenos comércios do bairro agem, constrangendo e atraindo dinheiro e pessoas, e cercando e seduzindo as crianças e suas famílias por um lado ou por outro (quem não se sentiria atraído pela “Fábrica do Corpo”, pelos “Anjos Power”, pela “Life Energy”?). E por outro lado, e mais no caso dos perfis 2 e 3,

---

<sup>22</sup> O Kumon é um método que visa desenvolver o autodidatismo nos alunos de forma individualizada por intermédio das disciplinas de matemática e língua pátria. A palavra designa além do nome do fundador o método de estudo que comercializa. Em 2016, o Kumon estava presente em 50 países. Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Kumon>

que imaginário pode provocar projetos em ONGs como “Projeto Refúgio”, “Associação de Proteção à Infância Vovô Vitorino”, “Centro de Integração Social Divina Misericórdia”?

Outra questão a se pensar é a que a maioria das menções a ONGs foi feita pelas famílias de Perfil 3, mas também pelas do Perfil 2, o que faz com que se pergunte se, para participar destas ONGs, há também dentro delas, fortes seleções, um crivo que afastaria ainda mais as crianças do Perfil 3 de atividades extracurriculares, já que estas disputariam vagas com crianças do Perfil 2.

E especificamente sobre o deslocamento das crianças de Perfil 1 das regiões norte-central para essas atividades no bairro e fora dele, parece acompanhar a tendência verificada internacionalmente: “As crianças tendem cada vez mais a ser escoltadas de um local (privado) a outro da cidade, na maioria das vezes de carro, pelos seus pais ou outros adultos: este fenômeno leva a uma arquipelarização de seus territórios e a uma desconexão de seu bairro de residência” (LAREAU e ZEIHNER apud LEHMAN-FRISCH, AUTHIER, DUFAUX, 2012, p.19, *tradução nossa*). Já no Brasil, Müller e Dutra (2018), analisando cidades de Brasília e de Florianópolis também verificaram que os deslocamentos das crianças se davam “em ou para ilhas”, ou em uma “insularização da infância” (ZEIHNER apud MÜLLER e DUTRA, 2018, p. 800); e Guimarães e Lopes (2019), analisando uma cidade de porte médio, Juiz de Fora, também verificaram que o deslocamento das crianças na cidade ocorria “entre ilhas”: entre casa, escola, casa da avó ou “outro lugar alambrado, atrás de paredes ou de grades”. (GUIMARÃES e LOPES, 2019, p. 321).

Assim, do que foi visto até aqui, pode-se pensar que uma vez que as transformações atuais do meio urbano são profundamente marcadas pelo alargamento progressivo das possibilidades de deslocamento (KAUFMANN, 2008, p. 61), as pessoas que conseguem uma maior mobilidade acabam acumulando um capital importante. Mas, essa mobilidade “põe em cena as relações de poder” (CASTRO, 2004, p. 72), pois evidencia que nem todos têm acesso a recursos simbólicos e materiais importantes que a cidade oferta, recursos esses concentrados em regiões legitimadas, mais ricas, mais estruturadas e centrais da cidade. Assim, no caso desta pesquisa, enquanto algumas crianças evidenciaram uma multipolaridade territorial que as levou, de fato, à mobilidade como um capital - no sentido amplo do termo, como discutido anteriormente, de alteração do sujeito e do social -, outras tiveram suas experiências espaciais menos estendidas e menos elásticas no território.

E o bairro apareceu como tendo uma centralidade importante na vida das crianças. Como um organismo vivo, o bairro ofereceu *pari passu* com famílias e escolas, diferentes tipos de aprendizagens e, ao operar como um grande currículo - e como todo currículo é poder -,

produziu mais fraturas do que integração no seu interior, reforçando ainda mais as desigualdades entre seus moradores.

## **2. O Bairro e a cidade: espaços de confinamento da infância ou de possibilidades?**

A cidade historicamente veio mudando suas funções, mas, dentre as que permanecem, estão sem dúvida as de circulação de pessoas, informações, de criatividade e de cultura. E se a mobilidade é o que dá vida à cidade, como as crianças podem participar dessa vida, trancadas cada vez mais em espaços fechados e privados?

Na pesquisa isso também ficou evidente de vários outros modos. Quando se perguntou sobre brincadeiras e outras atividades realizadas pelas crianças fora do horário escolar, as famílias, frente a várias alternativas que poderiam assinalar no questionário<sup>23</sup>, marcaram, de forma geral, mais o item “Brincar em casa” e “Assistir TV” do que outros itens, o que demonstra um índice menor do uso do espaço para além dos muros de suas casas.

Mas, novamente há diferenças nas respostas entre regiões e mesmo dentro de um mesmo bairro. As famílias moradoras do norte-central registraram um índice maior de brincadeiras e de atividades ligadas ao “modo escolar de socialização”<sup>24</sup> (ler, desenhar, estudar) e as do sul-extremo sul, um índice maior de atividades ligadas à tecnologia (jogar videogame, assistir TV). Já sobre os dados intrabairros, observou-se que, enquanto as crianças do Perfil 3 apresentaram um índice um pouco maior para atividades como desenhar, assistir TV, jogar videogame, mas também jogar bola e brincar na rua -demonstrando que algumas dessas atividades se davam em locais abertos e menos controladas pelo universo adulto-, as do Perfil 1 foram as que mais indicaram andar de bicicleta, brincar em casa, estudar e ler, essas últimas mais enquadradas pelas famílias e mais próximas do modo escolar de socialização. O Perfil 2 se sobressaiu em ouvir música e utilizar equipamentos eletrônicos.

Assim, já dentro de casa, há práticas diferentes entre os perfis que levam a uma maior desigualdade. A leitura, por exemplo, continua sendo uma questão de distinção social uma vez que a sua aquisição “condiciona a maioria das desigualdades socioculturais” (COULANGEON, 2014, p. 58). Já sobre o uso da TV, as categorias socioprofissionais mais próximas das classes operárias acabam tendo um tempo maior dedicado a essa atividade dentro de casa, “em detrimento de lazeres mais orientados para o exterior e para as redes de sociabilidade extrafamiliares” (COULANGEON, 2008, p. 42).

---

<sup>23</sup> Era possível marcar três dessas atividades que a criança mais realizava: brincar em casa, assistir TV; brincar na rua, jogar bola, andar de bicicleta, jogar videogame, estudar, ler, andar de skate, ouvir música, desenhar e utilizar equipamentos eletrônicos.

<sup>24</sup> Ver sobre isso em Vincent, Lahire e Thin (2001).

Já quando se perguntou sobre as saídas das crianças pelo bairro com amigos ou sozinhas, os espaços de comércio foram os mais citados, destacando-se em primeiro lugar a ida à padaria, seguido do mercadinho e dos supermercados. E 79,33% das crianças iam sozinhas ou com amigos a pelo menos um lugar do bairro, mas menos de um terço delas ia até três lugares sozinhas. Caso se pense que uma criança que se sinta autônoma e segura no bairro, poderia ir, por exemplo, a mais de três lugares do bairro, poucas seriam as crianças com este grau de autonomia.

Já com relação aos dados intrabairros, verifica-se que as crianças do Perfil 3 foram as que mais citaram locais, confirmando um uso mais intenso do bairro. Já as de Perfil 1 tiveram um uso sempre mais elitizado em relação às do Perfil 3: enquanto o Perfil 1 visitava a “Feira de Alimentos” (alimentos prontos), o Perfil 3 visitava mais a “Feira de Verduras”; enquanto o Perfil 1 ia ao “Pet Shop”, o Perfil 3 ia ao “Aviário”; enquanto o Perfil 1 ia ao “Supermercado”, o Perfil 3 ia mais à “Padaria”. Já o Perfil 2 foi o que menos citou lugares e só ultrapassou os outros dois perfis, no item “Mercadinho”.

De qualquer forma, esses usos do bairro também conferem às crianças uma gama incrível de aprendizagens. A pesquisa em São Francisco e Paris também verificou a importância desses pequenos momentos de autonomia das crianças e como isso ocorre cedo para as crianças das camadas populares:

*Caminhar 'no seu ritmo' (...) escolher o seu itinerário, ir escolher as suas próprias guloseimas na loja da esquina, passar o tempo que quiser escolhendo os livros da biblioteca, mas também jogar os jogos que quiser, quando quiser, assistir os programas favoritos sem constrangimento, são prazeres ligados ao fato de fazer por si mesmo, sem controle dos pais e de acordo com a sua vontade. (...). Enfim, os tempos e os ritmos dessas aprendizagens variam muito conforme as categorias sociais: mais precoces entre as categorias populares, a aprendizagem parece também ser mais rápida. (Mallon et al, 2016, tradução nossa).*

Mas, no caso da pesquisa em Curitiba, ao mesmo tempo em que as crianças de Perfil 3 saíam mais em determinadas regiões no bairro, por outro lado, há um problema concreto de falta de segurança que impede um uso mais efetivo e estendido do bairro por parte de algumas delas. As saídas estão sempre relacionadas a uma série de negociações entre adultos e crianças. Na pesquisa qualitativa, as crianças contaram sobre divergências de opinião com os pais quanto à segurança do bairro e sobre as diversas tentativas (algumas com êxito) de sair dos olhos atentos deles em uma brincadeira na rua, ou para ir além da rua combinada, quando iam fazer alguma compra. Mas, na maior parte das vezes, a própria violência (como brigas entre gangues, tiros perdidos, tráfico de drogas), mais relatada pelas famílias e crianças do Perfil 3, ou os “boatos e relatos” (Certeau apud FERREIRA, FERREIRA, CABRERA, 2019) sobre o “homem

do saco”, a “menina da mala<sup>25</sup>”, o motoqueiro rondando a escola, mencionados mais pelos outros dois perfis, serviam como impeditivo para muitas das saídas independentes.

Investigou-se ainda o uso que as crianças faziam de praças e parques do bairro de moradia como também sobre visitas a outros locais da cidade (museus, shoppings, cinemas e outros parques da cidade). Sobre os parques, é preciso destacar que quando se fala de Curitiba a primeira coisa que se lembra é da “capital ecológica”, uma cidade com mais de 65 m<sup>2</sup> de áreas verdes por habitante. Mas, ainda que existam áreas verdes de norte a sul da cidade, a quantidade de parques é bem maior na região norte-central, além de serem estes os parques mais bem equipados, com manutenção frequente e, muitos deles, participarem da rota de turismo da cidade.

Assim, as crianças da região norte-central, que contavam com parques no seu próprio bairro ou bem próximos dele, utilizavam bem mais tais espaços do que as do sul-extremo sul (até 100% no primeiro caso e até 60% no segundo). Outro dado preocupante é que, justamente as famílias do sul-extremo sul é que, não tendo quase parques no bairro, mencionaram utilizar espaços pagos de lazer (piscina de bolinhas, pesque-pague). Já com relação aos dados intrabairros, as famílias dos Perfis 1 e 2 disseram utilizar mais parques do que as do Perfil 3.

Com relação a visitas a outros parques da cidade (e não os do próprio bairro de moradia), as famílias que mais assinalaram frequentar foram, novamente, as do norte-central, coincidentemente os mesmos bairros que registraram índices altos na utilização de parques do bairro, o que demonstra que para usar parques, na maior parte das vezes, é preciso morar próximo deles.

E embora tenham sido as famílias do Perfil 1 as que mais disseram utilizar parques, quando se cruzou dados interbairros com intrabairros, ficou evidente que, não basta estar em uma região do bairro do tipo Perfil 1 (central), para utilizar parques. Caso se selecione, por exemplo, dois perfis 1 de duas regiões diferentes da cidade, um ao norte, o Pilarzinho (um dos bairros mais verdes da cidade) e outro ao sul, o Novo Mundo (um bairro de tipo “cinzento”<sup>26</sup>, que não conta com nenhum parque), e tendo tais bairros famílias com condições econômicas semelhantes<sup>27</sup>, se verifica que enquanto as famílias de Perfil 1 do bairro “verde” mencionaram

---

<sup>25</sup> Caso de uma menina que em 2008 foi abordada no caminho da escola, morta, colocada em uma mala e deixada na rodoviária da cidade; o caso voltou a ganhar visibilidade em 2019 com a prisão do assassino.

<sup>26</sup> Tsoukala (2007) utilizou a expressão “*zones grisés*” (zonas cinzentas) para se referir às zonas periféricas das cidades contemporâneas. Já Fernandes (2016), analisando as imagens de satélite do bairro Uberaba, utilizou em sua pesquisa a expressão “zona cinzenta” em relação às regiões menos arborizadas e às telhas de fibrocimento, frequentemente utilizadas na construção de casas populares, contrapondo-se à “zona verde” do bairro, mais arborizada.

<sup>27</sup> Embora haja distinção de renda *per capita*, nessa pesquisa, entre os bairros do norte e do sul, como comentado no início do texto, foram encontradas aproximações de renda entre alguns bairros do norte e do sul. Por exemplo: 29% das famílias do Perfil 1 do Pilarzinho (ao norte) e 28% das do Perfil 1 do Novo Mundo (ao sul), ganhavam

100% a visita a parques (e a 10 diferentes deles), as famílias de Perfil 1 do bairro “cinzento”, mencionaram 64% (e 5 diferentes parques). Esse exemplo mostra nitidamente como a dimensão espacial joga papel importante nas experiências das crianças, ou seja, ainda que com situação financeira semelhante, morar ao norte ou em região central acaba transformando o bairro em um recurso interessante para as crianças no que diz respeito a espaços verdes, sob a forma de parques.

Mas, sobre esses parques situados ao norte-central da cidade, também outras coações podem entrar em jogo. Muitos desses parques, além de espaços verdes, contam também com museus e espaços culturais em seu interior, que acabam reforçando memórias e histórias de imigrantes europeus (descendentes de alemães, italianos, poloneses, ucranianos, por exemplo), provocando poucas reflexões sobre a total constituição do povo curitibano e paranaense (estando ausentes, por exemplo, memórias e histórias indígenas e negras<sup>28</sup>). Isso quer dizer que, se por um lado as crianças dessas regiões centrais e norte têm acesso a mais parques, por outro, elas podem estar sendo convidadas mais insistentemente -por um currículo invisível da cidade- a se aproximar de certo imaginário superior de “curitibano” (branco, descendente de europeus) ligado a um projeto de cidade que não agrega todos os seus moradores (FERREIRA, 2016; 2020).

Outro dado importante é que também não basta morar na região norte e central, para automaticamente utilizar parques, quando outras questões também impedem o seu uso. Nesse caso, uma análise intrabairros faz toda a diferença. Por exemplo, enquanto as famílias do Perfil 1 da região central da cidade citaram 72,4% de visita a parques (e a 12 diferentes deles), as famílias do Perfil 3 (da Vila Torres, uma favela antiga situada na região central da cidade), citaram apenas 24,1% de visitas e a 5 diferentes parques. Isso quer dizer que, se a criança morar na parte mais distante do bairro (longe das grandes avenidas e acesso a ônibus ou se a região, em especial, tiver relação com o tráfico de drogas e violência<sup>29</sup>), isso pode ser um impeditivo para a sua utilização, ainda que o bairro esteja na região central ou norte.

---

entre 5 a 7 salários; 38% do Pilarzinho e 35% do Novo Mundo ganhavam de 3 a 5 salários, o que possibilitou essa comparação entre salários similares e usos dos parques.

<sup>28</sup> Embora em 2010 tenha sido inaugurada, no extremo sul, uma praça em homenagem à cultura negra - a Praça Zumbi dos Palmares -, o que se quer argumentar é que, enquanto alguns parques contêm informações, espaços, objetos que contam histórias e guardam memórias de povos europeus ou asiáticos, este não é o caso dos povos negros e indígenas. O parque Tinguí, por exemplo, é um parque com nome indígena, tem a estátua do índio Tindiquera na entrada, mas, a memória preservada na forma de uma igreja-museu, com direito a roupas, peças antigas, pêsankas (ovos pintados), é a da cultura ucraniana. Assim, da mesma forma que se defende a necessidade de incluir conhecimentos afro-brasileiros e indígenas na escola, o que é importante para “romper com uma tradição eurocêntrica de currículo (DIAS, 2012, p.665), o mesmo deveria ser pensado em termos do currículo da cidade.

<sup>29</sup> Outro exemplo sobre isso é a pesquisa de Ferreira, S. (2016) que analisou detidamente um dos bairros com mais áreas verdes da cidade, o Pilarzinho, verificando lá uma série de barreiras “invisíveis” que faziam com que crianças moradoras de uma favela existente na região, acabassem por não utilizar os mesmos espaços verdes que as crianças de outras regiões do bairro utilizavam, embora morassem próximas deles.

E há mais um dado que confirma às dificuldades de mobilidade espacial das crianças do Perfil 3. Caso se agrupe os dados do Perfil 3 dos três bairros do norte-central, contra os seis do sul-extremo sul, respeitando-se obviamente a proporcionalidade, não se verifica grande diferença na utilização dos parques, nem os do próprio bairro (se houver), nem os da cidade. Ou seja, morar nas regiões mais distantes e pobres dos bairros, tanto ao norte-central quanto ao sul-extremo sul, em geral, quase não altera a pouca utilização desses espaços. A vida dura desses lugares, na maior parte das vezes<sup>30</sup>, leva à imobilidade espacial.

Já quando se analisa os perfis 1 agrupados desta mesma forma (os três bairros norte-central contra os seis ao sul-extremo sul), os dados demonstram um contraste grande e se verifica que a dimensão espacial se destaca. As famílias dos perfis 1 dos três bairros norte-centrais reunidas mencionaram, proporcionalmente, quase quatro vezes mais parques do bairro do que os seis do sul-extremo sul. Isso também aconteceu com a utilização dos parques da cidade, em que as famílias dos bairros norte-centrais citaram, proporcionalmente, quase o dobro de parques em relação às do sul-extremo sul.

Já sobre o uso das praças do bairro, de modo geral, somente 43,4% das famílias disseram que suas crianças utilizavam (um uso bem menor do que de parques) e muitas famílias disseram não utilizar por problemas de segurança e porque esses locais eram utilizados, muitas vezes, para o tráfico de drogas<sup>31</sup>. Assim, no geral, não se verificou diferença de uso entre os perfis, mas, novamente, quando se agrupou os dados dos Perfis 1 dos bairros do norte-central e se comparou com os do Perfil 1 do sul-extremo sul, esses últimos, apesar dos relatos de violência e de praças sem manutenção, ainda assim, usavam mais estes locais. E ocorreu da mesma forma quanto aos perfis 3 (os do sul-extremo sul utilizando quase seis vezes mais). Isso quer dizer que as crianças moradoras de bairros ao sul-extremo sul, independentemente de serem do Perfil 1 ou 3, e contando com bem menos parques à sua disposição, capitalizavam como podiam as praças que tinham em seus bairros.

Sobre a visita a shoppings, de modo geral, 72,9% das famílias disseram que as crianças costumavam utilizar sendo o maior índice de frequência mencionados (maior que os 63,6% de frequência a parques da cidade ou dos 50,2% a parques do bairro). As crianças que mais utilizaram foram as do Novo Mundo e do Boqueirão ao sul e as de Santa Felicidade ao norte, bairros estes que contam com shoppings ou que estes se situam em bairros próximos. Sobre os

---

<sup>30</sup> Mas aí também há exceções. Às vezes a situação é de tamanha violência e tráfico de drogas em algumas regiões que produzem justamente o contrário, impulsionam saídas diárias do bairro, para oferecer segurança às crianças (ver sobre isso, Ferreira, V., 2016; Fiorese, J, 2019).

<sup>31</sup> Na parte das observações, nos questionários, foram escritas coisas como: “Eu gostaria que tivesse praças e parques, canchas de futebol, para que as nossas crianças não fiquem tanto nas ruas aprendendo o que não presta” (questionário n. 784, Perfil 3, Tatuquara, mãe de menino/pardo); “Nos nossos bairros deveriam existir uma praça completa de lazer” (questionário n. 298, Perfil 2, Xaxim, mãe de menino/pardo).

dados intrabairros, como era de se esperar, o Perfil 1 foi o que mais disse frequentar (79,7% contra 71,8% do Perfil 2 e 64,4% do Perfil 3).

O uso dos shoppings, principalmente pelas famílias e crianças do sul (Novo Mundo com 85,3% contra, por exemplo, Pilarzinho, ao norte, com 57,7%), provoca a reflexão do quanto estas crianças do sul (mas não as do extremo sul), não tendo quase parques e outros espaços de lazer à disposição, podem acabar sendo cooptadas para um tipo de socialização em espaços privados, de arquitetura repetitiva, diáfana e pouco convidativos à diversidade (o que os espaços públicos, por natureza, tenderiam a proporcionar). Se percebe que, onde os espaços públicos se fazem ausentes, os privados avançam. Outra questão importante é que determinados shoppings são utilizados por crianças moradoras de determinadas regiões (por exemplo, o Shopping Barigui pelas crianças da região norte e o shopping Palladium pelas crianças do sul), o que pode provocar a que se pense em um certo “escapismo físico” (CASTELLS, 2009) por parte de famílias de classe média, uma não mistura social com crianças de classes populares.

Já com relação à ida ao cinema, de modo geral, 64,4% das famílias disseram frequentar. As crianças do bairro Xaxim, ao sul (que contam com o “shoppinho”, um shopping pequeno que oferece cinema a preços baixos) e as do norte-central, foram as que mais disseram frequentar e, entre os perfis, as famílias do Perfil 1 foram as que mais frequentaram (71,8 % contra 65,3% do perfil 2 e 51,7% do Perfil 3). E quando se cruza dados interbairros com os intrabairros, o padrão, Perfil 1 do norte-central frequentando mais, se repete.

Sobre os museus é preciso que se diga que Curitiba tem vários deles, a maioria situados na região norte e principalmente na central. Assim, de modo geral, 50,6 % das crianças costumavam frequentá-los, um dos menores índices de frequência a espaços da cidade e, quando se analisa os índices interbairros, os números foram os mais dispares entre os locais pesquisados (em torno de 80% de frequência na região norte-central contra apenas 10% no sul-extremo sul). Entre os perfis, o Perfil 1 foi o que mais frequentou, mas a título de exemplo dessa ampla disparidade, enquanto 55,1% das famílias de Perfil 1 do bairro central citaram nomes de museus (considerando pelo menos uma citação feita) e mencionaram 8 diferentes locais, apenas 2,4% das famílias do Perfil 1 do extremo sul citaram nomes de museus e apenas um deles foi mencionado (Museu Oscar Niemeyer).

E quando se cruza os dados interbairros com os intrabairros, os dados mostram uma desigualdade ainda maior, mas, novamente, somente com relação ao Perfil 1. As famílias de Perfil 1 dos bairros do sul-extremo sul citaram metade de museus em relação às do norte-central. Já o mesmo não ocorreu com relação às famílias de Perfil 3. Estas, independente de morarem em bairros do norte-central ou do sul-extremo sul, acabaram por quase não citar museus o que faz com que se pense que, para famílias moradoras de regiões de extrema pobreza

-ainda que morem mais próximas desse espaço tão hermético (por exemplo as famílias da Vila Torres que moram relativamente próximas do Museu Oscar Niemeyer) - outras questões podem entrar em jogo para a não utilização desse espaço (relacionadas, por exemplo, ao capital econômico e cultural das famílias).

Sobre essas práticas de visita a museus, teatros e concertos, por um lado, “parece excessivo dizer que são um símbolo da cultura ‘dominante’ na medida em que são minoritárias em todo o lugar, inclusive entre os membros das classes dominantes” (ETHIS e PEDLER, 1999; LAHIRE, 2004 apud COULANGEON, 2014, p. 136), mesmo que elas ainda possam ser utilizadas com uma lógica “ostentória” (VEBLEN apud COULANGEON, 2014, p. 20) ou de “distinção” (BOURDIEU apud COULANGEON, 2014, p. 21). Por outro lado, por mais ecléticas, plurais e fragmentadas (LAHIRE apud COULANGEON, 2014, p. 21) que tais práticas tenham se tornado na contemporaneidade, ainda trazem pistas sobre as tensões e pressões entre as classes e, neste caso aqui, trazem pistas sobre a desigualdade no acesso à diversidade de espaços culturais da cidade.

Assim, do que foi visto nesta seção, ficou evidente que as crianças de Perfil 1 (e em alguns casos do Perfil 2), realizaram atividades socializadoras mais próximas da escolar, brincadeiras e vivências mais controladas pelos pais e uma menor utilização do bairro, mas, em compensação, maior da cidade. Já com as crianças do Perfil 3, ocorreu o contrário, tiveram mais experiências no bairro e menos na cidade e realizaram algumas atividades e brincadeiras mais livres. Para esse último perfil, morar em regiões mais afastadas do bairro e da parte norte-central da cidade, é ter diminuídas as suas oportunidades de contar com uma ampliação de experiências -e também experiências em locais seguros-, a partir de uma variedade de instituições e espaços de lazer e cultura. Assim fica nítido que a cidade não oferece da mesma forma nem esses equipamentos entre os bairros e nem a facilidade de deslocamento (facilidade de transporte a esses locais) e acessibilidade a eles (via preço de passagens, ingressos, alimentação, uma vez que as famílias levam horas para chegar até eles e retornar a suas casas). E ainda sobre as diferenças entre os bairros da cidade, ainda que se possa pensar que os centrais e do norte são de constituição muito antiga e que é por isso que contam com muitos desses espaços de lazer e cultura, os bairros ao sudoeste e sudeste e os do sul, são também bairros antigos, mas, depois de décadas, ainda não contam nem com quantidade nem com qualidade desses espaços. Já no extremo sul, a situação é ainda muito pior.

### **Considerações Finais**

Foi visto neste texto que há concentração geográfica de determinados parques e espaços consolidados de lazer e cultura no centro e no norte da cidade como também, em regiões centrais de determinados bairros, fazendo com que o “efeito residência”<sup>32</sup> gere oportunidades para crianças moradoras próximas desses locais e colocando, em um outro extremo, as que habitam em regiões distantes e periféricas. Desta forma, o bairro, que demonstrou ser um campo de possibilidades para algumas crianças, para outras, significou restrição.

Verificou-se também que as crianças, de modo geral, estavam cada vez mais isoladas em suas casas. Mas, das que saíam para realizar alguma atividade extracurricular, as que estavam mais próximas da classe média utilizavam mais os espaços privados e as mais próximas da classe popular, utilizaram mais ONGs e associações. De qualquer forma, há um infeliz recuo delas dos espaços públicos que são promotores, por natureza, da diversidade de pessoas e de circulação de ideias.

Sobre a mobilidade espacial, também foi observado que, para algumas crianças, ela era intensa e gerava um importante capital que alavancava experiências diversificadas, já para outras, significou um recurso urbano escasso. E caso se considere que a possibilidade de mobilidade é condição de participação no meio urbano (REMY e VOYE apud KAUFFMAN, 2008, p. 66), nem todas as crianças e suas famílias teriam essa participação garantida.

Outro aspecto evidenciado foi que não houve uma mistura social entre as crianças moradoras de diferentes partes de um mesmo bairro. Elas não iam da mesma forma para a escola (umas iam a pé, outras de carro) e, também, não iam para as mesmas instituições (umas iam para escolas próximas de suas residências, outras, para escolas mais distantes e, quem sabe, mais requisitadas). O uso do comércio era diferenciado (umas, por exemplo, usavam os *pet shops*, outras os aviários) e foi assim também quanto aos shoppings. Assim, as práticas não se apresentaram apenas como diferentes, mas como geradoras de desigualdades.

Conclui-se, portanto, que frente às interdependências já existentes entre as crianças, geradoras de desigualdade quanto a classe, raça, gênero e nível de escolaridade, fundiram-se outras, relacionadas ao espaço. Assim, a cidade apresentou-se injusta, pois produziu desigualdades de oportunidades no que disse respeito aos espaços que ofereceu a suas crianças.

Havia regiões do bairro e da cidade que pareceram verdadeiros “espaços de subordinação” (CASTELLS, 2009) em que as crianças estavam sedentarizadas (VIARD, 2011), imóveis e mais expostas à violência. Por outro lado, havia regiões em que as crianças podiam se deslocar com maior facilidade e ter diferentes experiências no bairro e mesmo fora dele. Enfim, segue-se trabalhando com os dados da pesquisa e já se sabe que, quando se põe em

---

<sup>32</sup> Coulangeon (2014) cita Pinçon-Charlot quando este analisa o efeito da residência dos parisienses frente à concentração geográfica de teatros, ópera e concertos em Paris.

relação esses dados quantitativos com os qualitativos, várias nuances relativizam um pouco essas generalizações, mas também, compreende-se que é quando mais se completa o conhecimento sobre as configurações das crianças em contextos urbanos. É mergulhando, portanto, no fluxo da vida cotidiana das próprias crianças, que se verifica, por exemplo, como as questões discutidas até aqui se cruzam com propriedades específicas delas e de suas famílias. Nesse mergulho, o espaço mostra-se mais imprevisível e o tempo é usado por elas de forma muito mais criativa.

## REFERÊNCIAS

- AUTHIER, Jean-Yves; LEHMAN-FRISCH, Sonia. Variations sur un thème: Les manières d’habiter des enfants dans les quartiers gentrifiés à Paris, Londres et San Francisco. **Métropoles**, v.11, 2012. Disponível em: <https://journals.openedition.org/metropoles/4584?gathStatIcon=true&lang=en> Acesso em: 10 mar. 2020.
- BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa Educacionais. **Microdados do censo escolar 2014**. Instituto Nacional de Estudos. Brasília: MEC/INEP, 2015.
- CASTELLS, Manuel. **A questão urbana**. São Paulo: Paz e Terra, 2009.
- CARDOSO, J. C. P. S.; FERREIRA, V. M. R. Onde estudam as crianças curitibanas? A relação entre o local de moradia das famílias e a localização na cidade de Curitiba. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL CRIANÇAS E TERRITÓRIOS DE INFÂNCIA, 2018, Brasília. **Anais do Colóquio Internacional Crianças e Territórios de Infância**. Brasília, UNB, 2018.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Brasileiro de 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.
- COULANGEON, Philippe. **Sociologia das práticas culturais**. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2014.
- DIAS, Lucimar Rosa. Formação de professores, educação infantil e diversidade étnico-racial: saberes e fazeres nesse processo. **Revista Brasileira de Educação**, v. 17, n. 51 set.-dez. 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782012000300010>, Acesso em: 13 set. 2020.
- DIEESE. Mapa da distribuição percentual da população negra em relação ao município, segundo bairros agregados, a partir do Censo/IBGE. In: **Observatório do Trabalho de Curitiba- Perfil Demográfico e Socioeconômico dos Bairros Agregados de Curitiba**. Curitiba: DIEESE, 2016. Disponível em: <http://www.coreconpr.gov.br/wp-content/uploads/2016/07/bairros.pdf>. Acesso em: 18 mar. 2020.
- ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.
- FERNANDES, Sonia Maria; FERREIRA; Valéria Milena Rohrich; SANTOS, Marcia Cristina. Infância, raça e gênero em Curitiba. In: V SEMINÁRIO LUSO-BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO INFANTIL / II CONGRESSO LUSO-AFRO-BRASILEIRO DE INFÂNCIAS E EDUCAÇÃO, 2019, São Paulo. **Anais do V Seminário Luso-Brasileiro de Educação**

**Infantil / II Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Infâncias e Educação.** São Paulo: Doity, 2020.

FERREIRA, Valéria Milena Rohrich. Tecendo uma cidade modelar: relações entre escola, currículo e projeto da cidade de Curitiba. **Revista Educação.** Porto Alegre, v. 39, n. 1, p. 33-45, jan-abr 2016.

FERREIRA, Valéria Milena Rohrich. **Infância e Cidade:** A construção de um currículo enjoquinho na Curitiba da década de 1990 e início dos anos 2000. Curitiba: Appris, 2020.

FERREIRA, Valéria Milena Rohrich.; FERREIRA, Solange Pacheco. Configurações da infância na cidade: desigualdade interbairros e nos usos dos tempos e espaços por crianças curitibanas. **Revista Eletrônica de Educação,** São Carlos, v. 14, p. 1-19, jan- dez 2020.

FERREIRA, Valéria Milena Rohrich.; FERREIRA, Solange Pacheco; SANTOS, Rojanira Roque dos. Antiguidade de moradia no bairro, origem geográfica das famílias e sua relação com usos e vivências das crianças na cidade e no bairro. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL CRIANÇAS E TERRITÓRIOS DE INFÂNCIA, 2018, Brasília. **Anais do Colóquio Internacional Crianças e Territórios de Infância.** Brasília, UNB, 2018.

FERREIRA, Valéria Milena Rohrich.; FERREIRA, Solange Pacheco; CABRERA, Luiz Henrique Vignola. Boatos, relatos e barreiras invisíveis na mobilidade espacial das crianças na cidade de Curitiba. In: V SEMINÁRIO LUSO-BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO INFANTIL / II CONGRESSO LUSO-AFRO-BRASILEIRO DE INFÂNCIAS E EDUCAÇÃO, 2019, São Paulo. **Anais do V Seminário Luso-Brasileiro de Educação Infantil / II Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Infâncias e Educação.** São Paulo: Doity, 2020.

FERREIRA, Valéria Milena Rohrich.; CARDOSO, Júlia do Carmo P. Scholochuski. Onde estão os pobres? Apropriações do bairro e da cidade por crianças de classes populares, médias e altas de Curitiba. [no prelo].

FERREIRA, Solange Pacheco. **Políticas Educacionais de Ampliação do Tempo e Espaço para a Infância em Territórios Urbanos:** uma análise a partir do bairro do Pilarzinho da Cidade de Curitiba. 245 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, UFPR, Curitiba, 2016.

FIGLIARELLI, John. **Infância “pra cá” e “pra lá” da linha do trem:** significados e práticas de crianças do bairro Cajuru. 125f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, UFPR, Curitiba, 2018.

FIGLIARELLI, Sabrina; FERREIRA, Valéria Milena Röhrich. “Elas ficam meio injustiçadas”: infância, gênero e desigualdade em bairros de Curitiba. [no prelo]

FONSECA, Avelaine do Rocio Mielniczki.; **Infâncias aqui e lá:** configurações sociais de crianças reassentadas na periferia de Curitiba. 187f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, UFPR, Curitiba, 2019.

IPPUC – INSTITUTO DE PLANEJAMENTO URBANO DE CURITIBA. Setores de Monitoração e Banco de Dados. **Indicadores de Rendimento.** Curitiba, 2012.

JACOBS, Jane. **Morte e vida nas grandes cidades.** São Paulo: Martins Fontes, 2011.

KAUFMANN, Vincent, **Les paradoxes de la mobilité, bouger, s'enraciner**, Lausanne: Presses polytechniques et universitaires romandes, 2008.

LEHMAN-FRISCH, Sonia; AUTHIER, Jean-Yves; DUFAUX, Frédéric. **Les enfants et la mixite sociale dans les quartiers gentrifiés à Paris, Londres et San Francisco**. (Rapport de Recherche). CNAF, 2012, 186 p.

MALLON, I.; LEHMAN-FRISCH, S.; AUTHIER J.-Y.; COLLET A. **Une transition invisible**: les apprentissages différenciés de l'autonomie spatiale par les enfants en fin d'école primaire (quartiers bourgeois/quartiers populaires) In: PENNEC Sophie; GIRARD Chantal; SANDERSON Jean-Paul (éditeurs). *Trajectoires et âges de la vie*. Association internationale des démographes de langue française, ISBN : 978-2-9521220-5-4. XVIII<sup>e</sup> Colloque International de l'AIDELF – Trajectoires et âges de la vie. 2016.

MÜLLER, Fernanda. Mobilidade urbana de crianças: agenda de pesquisa e possibilidades de análise. **Educação**. Porto Alegre, v. 41, n. 2, p. 177-188, mai- ago 2018.

MÜLLER, Fernanda. DUTRA, Cristian P. R. Percursos urbanos: (im)possibilidades de Crianças em Brasília e Florianópolis. **Educ. Foco**, Juiz de Fora, v.23, n.3, p.799-818, set - dez 2018.

OLIVEIRA, Dennison de. **Curitiba e o mito da cidade modelo**. Curitiba: Editora da UFPR, 2000.

RASERA, Frédéric. *Des footballeurs au travail. Au cœur d'un club professionnel*. Marselha: Éditions Agone, 2016.

SANTOS, Rojanira Roque dos; FERREIRA, Valéria Milena Rohrich. Inventário das microproduções dos espaços da cidade: crianças, famílias e cultura comum no bairro e na cidade. In: XIV EDUCERE - CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. 2019, Pontifícia Universidade Católica do Paraná- PUCPR. Curitiba. Anais do XIV EDUCERE - Congresso Nacional de Educação, Curitiba, PUCPR, 2019.

SARMENTO, Manuel Jacinto. A Sociologia da Infância e a Sociedade contemporânea: desafios conceituais e praxeológicos. In: ENS, R. T.; GARANHANI, M. C. (Org.). **Sociologia da Infância e a Formação de professores**. Curitiba: Champagnat, 2013. p. 13-46.

SILVA, Monica M; TORRENS, Luiza Alberti; SCHAFASCHEK, Maria Clara; MIOZZO, Vinicius Luigi. Desenvolvimento social e criminalidade: uma análise intra-urbana do fenômeno em Curitiba. In: XVII ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL, 2017, São Paulo. Caderno de resumos... São Paulo, 2017.

VIEIRA GUIMARÃES, Iara; JANER MOREIRA LOPES, Jader. As experiências espaciais das crianças no espaço urbano. **Educar em Revista**, v. 35, n. 73, p. 307-325, abr. 2019. ISSN 1984-0411. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/59690>. Acesso em: 12 set. 2020.

VINCENT, Guy; LAHIRE, Bernard; THIN, Daniel. Sobre a história e a teoria da forma escolar. **Educação em Revista**. Belo Horizonte, n. 33, p. 7-47, jun 2001.

## CONTRIBUIÇÕES DAS AUTORAS

**Valéria Milena Röhrich Ferreira:** Coleta e análise dos dados, planejamento do artigo, redação e revisão da versão final.

**Sonia Maria Fernandes:** Coleta e análise dos dados, normalização do artigo e revisão das referências bibliográficas.

## DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSE

As autoras declaram que não há conflito de interesse entre elas com o presente artigo.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- As autoras declaram que estão cientes que são as únicas responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- As autoras declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- As autoras declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- As autoras declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- As autoras declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- As autoras declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- As autoras concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença Creative Commons CCBY.
- A autora submissora declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- As autoras declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- A autora submissora declara que todas as autoras do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.

## Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.